ANNO 5.º — Sexta-feira, 26 de Julho de 1912 — NUMERO 231

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇAO E ADMINISTRAÇÃO, R Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

O ataque de Chaves

(Dois dedos de palestra a proposito do artigo de fundo do ultimo numero do *Democrata.*)

Decididamente Paiva Couceiro deu provas de ser um estupido.

Enganou-se o articulista, que evidentemente deve ser um profano em questões militares.

Paiva Couceiro, réu de alta traição, um visionario, um desiquilibrado, não é tão estupido como agora o querem fazer e o ataque de Chaves foi simplesmente um habil golpe estrategico em que o comandante militar daquéla praça se deixou cair grosseiramente.

Analisemos a questão que é interessante

Os postos de vigilancia na fronteira preveniram aí pelo dia 5, que as forças inimigas desenhavam um movimento invasor por Montalegre, ameaçando aquéla vila.

Ora, a primeira coisa que o comandante militar de Chaves devia inquerir era do objectivo provavel de Couceiro, ocupando Montalegre, e se o fizésse serenamente, inteligentemente, reconheceria logo que Montalegre não podia ser o objectivo de Couceiro e que portanto o ataque a esta povoação mascarava evidentemente um movimento mais audacioso.

De facto Montalegre, isolada no centro da serra de Larouco, sem comunicações de qualquer especie com a região por onde era seu natural itinerario, não podia servir de centro de operações ás forças realistas que para mais traziam artilharia e metralhadoras de rodado, que não podiam conduzir numa travessia de leguas por montes e vales e Couceiro para fazer a junção com os revoltosos de Cabeceiras e Celorico tinha de atravessar toda a serra de Larouco, serra de Barroso e serra de Cabreira sem um palmo de estrada.

Era isto admissivel?

Não.

Soult fel-o em 1809. Mas Soult não era Couceiro e Soult abandonou a sua artilharia pelos penhascos da serra, por onde não a poude transportar.

Logo, Couceiro, iludiu habilmente o comandante militar de Chaves que não lhe percebeu as intenções pois, o seu objectivo, como inicio da invasão, não podia ser outro senão tomar Chaves.

O proprio ataque de Valença, teve, evidentemente, mais por fim distrair atenções, chamando as forças republicanas a outros pontos, e afastando-as assim do seu objectivo, do que um ataque decisivo que fizésse parte do seu plano de invasão.

E prova isto mesmo, a irrisoria força da coluna de Sepulveda: atacar uma praça fechada, guarnecida de artilharia, com 200 homens, talvez de guarnição, com uma força inferior á da defeza pelo numero, pela situação militar e pelo armamento, é plano só para ser concebido por doidos e ninguem ainda se lembrou de dizer que Paiva Couceiro e Sepulveda, fôssem doidos.

Portanto, o ataque de Valença têve apenas os mesmos fins estrategicos da demonstração de Montalegre: atrair as forças republicanas para longe de Chaves que seria atacada de surpreza e facilmente ocupada.

Isto é evidente.

Chaves como centro de operações do exercito invasor oferecia vantagens importantissimas, não só pelas numerosas vias de comunicação que a ligam com as localidades onde havia *complots* entendidos com Couceiro, mas ainda pela sua situação de praça militar, cuja ocupação seria de um efeito moral importantissimo para os seus partidarios e para as suas forças, por se prestar muito mais facilmente a uma defeza eficaz dispondo de alguns fortes como o de S. Neutel e o de S. Francisco, onde a defeza se podia prolongar eficazmente longo tempo, e porque nos depositos regimentaes de cavalaria 6 e infantaria 19, deviam os invasores encontrar abundante reserva de armas e munições.

Agora veja-se ainda que de Chaves parte uma bela estrada para Vale-Passos onde havia um *complot* realista, outra para Vila Pouca onde havia outro *complot* e em ultimo caso a de Verin para uma retirada a unhas de cavalo.

Mesmo pela estrada de Boticas e aproveitando o vale do Beça, as forças de Couceiro iam apanhar na ponte de Caney a estrada de Ribeira da Pena, dando assim a mão aos revoltosos de Cabeceiras depois de uma pequena marcha de uns 25 kilometros pela melhor parte da serra.

Por tudo isto se conclue que o objectivo de Couceiro não podia ser outra senão Chaves e o tôlo não foi êle, foi o comandante de aquéla praça que a adandonou tão... imprudentemente sem vêr nada disto, que qualquer simples aluno da Escola do Exercito veria imediatamente.

Couceiro, portanto, não alterou o seu plano; pol-o em pratica serenamente e êle deu-lhe o efeito que previra.

Derivêmos agora um pouco da questão propriamente militar, para justificar a perplexidade de Couceiro em frente de Chaves.

O chefe realista recebia constantemente afirmações garantindo-lhe o apoio moral e material de toda a região que se levantaria em armas logo que êle invadisse o país.

Vimos já que existiam *complots* em varias terras de Traz os Montes e ha pouco soube eu que só o *complot* de Chaves contava com mais de 40 homens de *élite*, fóra a turba dos aliciados, que no dizer dos chefes era a vila toda.

Não havia pois golpe mais seguro: Chaves ocupada sem um tiro, a guarnição longe, o povo ao lado dos invasores, os aliciados armados nas arrecadações da praça, reforçando a coluna e esta, assim disposta, cortando a retirada das forças republicanas que, entaipadas na estrada de Montalegre sem outra saída, ou se bateriam ou se rendiam logo.

Em todo o caso a situação déstas forças éra, moral e materialmente, muito inferior.

A praça ocupada inesperadamente, inferiores em numero, sem um ponto de apoio para a luta e sabendo-se cortados, !... é possivel que o acendrado patriotismo de que em Chaves déram tão cabais provas, lembrando os arranques heroicos dos antigos soldados de Diu e de Ormuz, de Ceuta e Mazagão, lhes suprisse a critica situação e que vencessem; mas tambem é possivel que em luta tão inferiormente colocados fôssem derrotados.

Couceiro, portanto, quando chegou em frente de Chaves esperava ser recebido de braços abertos por toda a população, quiçá com musica e foguetes.

Qual não foi o seu espanto quando, em vez do que lhe prometiam os do *complot*, incitando-o a que entrasse porque Chaves o secundaria incondicionalmente, encontrou as poucas forças de Chaves fazendo-lhe frente e recebendo-o a tiro em vez de o receberem a foguetes, o que sendo tudo coisa de estoirar, não são todavia positivamente a mesma coisa.

Calculou uma pequena resistencia e como Chaves ía pronunciar-se, a pequena força metida entre dois fogos debandava ou rendia-se.

Questão de minutos e dentro da praça rebenta a revolução. Eram uns 60 ou 70 soldados que lhe faziam frente.

Couceiro esperou, entretendo o fogo, pelo pronunciamento, mas em vez dêste nota que a linha de fogo se prolonga. Evidentemente os defensores recebiam reforços.

Então Chaves em vez de lançar o grito de revolta reforça as linhas de defêsa?

Eram 40 ou 50 civis que, armados nos quarteis, corriam a defender a Patria invadida e a Republica atacada.

Couceiro, indeciso, em face das categoricas afirmações que lhe faziam os monarquistas esperava ainda, sem se decidir agora a atacar decisivamente a povoação por começar a duvidar da fórma como sería recebido, pois o pano da amostra estava-se ali patenteando bem.

Entretanto o fogo das forças da defêsa aumenta e estas chegam a tomar a ofensiva. Eram novos reforços; umas dezenas de guardas fiscaes que tendo retirado na frente dos invasores chegavam a Chaves e reforçavam a sua defêsa.

E' nésta altura que começa o desalento de Couceiro e com êle o das suas tropas.

Resolve então um ataque decisivo á praça e bombardeia-a.

Mas á violencia do ataque responde a inergia da defêsa.

Entretanto o tempo passa e lá muito ao longe começa a sentir-se o ruido carateristico dos armões da artilharia republicana que vem em socorro da praça, prevenida a meio caminho de Montalegre.

Era já tarde para o assalto começado a preparar pela artilharia.

Chaves não se mexia, dos seus partidarios nem sinal e do alto da Forca as granadas republicanas varejavam já as linhas das tropas realistas cujas baixas eram numerosas.

A covardia monarquica manifestou-se mais uma vez.

Poltrões cujo carater apodreceu nas imoralidades do seu rei e dos seus chefes, éra preciso que mais uma vez mostrassem bem a lama fétida de que lhe fabricaram a alma, acoitando-se transidos de mêdo no fundo das alcovas emquanto Couceiro, no Campo da luta, esperava em vão pelo auxilio que lhe prometeram.

Um punhado de homens evidentemente assustou Couceiro muito menos do que a covardia vilissima dos seus correligionarios, que o chamaram farfantonamente para a chacina e se fôram meter borrados de mêdo debaixo das camas, postos em respeito por algumas dezenas de soldados que, a não ser a covardia dêsses poltrões, teria sido bem facil aniquilar.

Faltava-lhes o arrojo que dá a consciencia da causa que se defende, faltava-lhes a convicção de um ideal que não tinham, faltava-lhes o sentimento do dever porque iam combater como mercenarios e não como portuguêses, porque portuguêses não combatem contra o seu país.

A defeza foi inergica, foi heroica, mas Couceiro teria talvez passado sobre éla se, após o tempo perdido á espéra do pronunciamento de Chaves, não se convencesse de que tinha sido covardemente abandonado por esses asquerosos poltrões que o chamaram, garantindo-lhe o apoio incondicional da vila.

Couceiro não foi um estupido; os monarquicos de Chaves é que fôram uns covardes.

Humberto Beça.

RODRIGO SORIANO

Desde segunda-feira ultima que se acha na capital o ilustre deputado hespanhol e nobre cidadão, Rodrigo Soriano.

A' sua chegada foi-lhe feita uma carinhosa e significativa recéção por dezenas de milhares de pessoas, que saudaram o velho e bom amigo de Portugal, a quem tanto devêmos especialmente pelo que resultou das conseqencias da sua visita á fronteira, onde os miseros inimigos das instituições, davam a ultima demão aos preparativos da sua infamissima jornada, evasôra do solo abençoado da Patria.

Foi êle testemunha ocular da liberdade com que o govêrno do seu país permitia, sem o mais leve rebuço, que os famosos conspiradores de alpercátas azues, desde a sua organisação até ao fornecimento de armas e munições, de tudo, á vontade e tranquilamente, se habilitassem, com a cooperação criminosa do govêrno de Hespanha, para vir implantar de novo a monarquia dos adeantamentos com el-rei *niño* D. Manuel á frente.

O proprio automovel do ilustre homem do país visinho, foi impedido, pelos conspiradores, de avançar, sem que previamente fôsse reconhecido!

Como se vê, um cumulo, que aquêle distinto homem publico se apressou a comunicar ao presidente do conselho do seu país, assim como a apreensão de armas e munições importadas do estrangeiro e tantas outras demonstrações de factos gravissimos, praticados por esse bando de malfeitores dentro dum país que não era o dêles.

Rodrigo Soriano, como a todos tem declarado, abstrae nêste momento a sua qualidade de deputado e de republicano, para ser o hespanhol, que, como tal, vem de visita a Portugal e áquêles seus bons amigos que nêle residem.

Ao notavel cidadão e dedicado amigo da nossa Patria, enviâmos as mais sincéras saudações aderindo a todas as provas de carinhoso afecto e acolhimento que lhe sejam dispensadas pelo povo português —que bem reconhece a grandeza da sua divida de gratidão áquêle apostolo do bem e da fraternidade do povo luso hespanhol.

Tão bomsinho...

Um sr. Luiz de Souralvo, que na *Soberania do Povo*, orgão da familia Mélos, de Agueda, escreve *á vista desarmada* a secção — *Pela imprensa do distrito*—lamenta que tivésse suspendido a publicação *O Aveirense* a quem chama *interessante e honesto semanário republicano.*

Não ha duvida. Tão republicano como a *Soberania do Povo* e tão *honesto* que ainda não pagou á câmara a renda da casa que lhe alugou vai para um ano.

Se os dois se não haviam de entender...

Recortâmos da *Lucta*:

UMA OPINIÃO

«Agora é Homem Cristo que vem depôr sobre a capacidade intelectual do Couceiro. Que é pouco inteligente. Já todos o sabiam, mas foi bom que êle o demonstrasse. A Providencia arranja bem as coisas, muito melhor que os homens.

Imagine-se que éla tinha dado ao Homem Cristo a lendária valentia do Couceiro, e tinha posto sobre os hombros do Couceiro—sem alusão grosseira e injuriosa—a cabeça do Cristo!»

Era um horror! Nem quantos *agarradores* houvésse no Ribatejo seriam capazes de o segurar...

Hoje e ámanhã

Estão convencidos alguns dos nossos colégas, principalmente a *Lucta*, de que *a Beatris casa hoje.*

E' possivel, mas não nos cheira. Quem é, pela cérta, julgado, ámanhã, é o vesgo D. João de Almeida e só esse, que está no segredo dos deuses, é que nos póde dizer, se nisso não houvér inconveniente, o dia em que a *rapariga* casa...

ULTIMA JORNADA

O FUNERAL DE MENDONÇA BARRETO

Milhares de pessoas assistem e acompanham á derradeira morada o cadaver do inditoso administrador de Cabeceiras de Basto, victima da ferocidade dos reaccionarios

Extraordinariamente grandiosa, sentida, comovente, enternecedora, a homenagem prestada no domingo nésta cidade á memoria daquêle que em vida se chamou João Augusto de Mendonça Barreto.

Ninguem se lembra de ter visto jámais em Aveiro manifestação funebre que se possa egualar a essa, de ter presenciado um cortejo onde a ordem, o respeito e a severidade dos que nêle tomavam parte constituiam a maior e mais sublime edentificação com a ideia que levou á morte o nosso desditoso conterraneo.

Foi entre alas compactas de povo, na sua grande maioria vestindo luto rigoroso, que o cadaver de João Mendonça, conduzido na carrêta dos Bombeiros Voluntarios e coberto com a bandeira nacional, atravessou as ruas da cidade até á sua ultima jazida Lagrimas sem conta se vertêram então, podendo nós avaliar por isso a revolta que em todos produziu a infamia praticada pelos sicarios de Cabeceiras de Basto, capitaneados pelo padre Domingos e outros do mesmo estofo.

* * *

O cadaver de João Mendonça chegou á estação do caminho de ferro no comboio que do norte vem ás 13 horas e 30 minutos.

A' sua saída de Cabeceiras veio acompanhado por grande quantidade de povo bem como por muitos oficiaes dos diversos regimentos aquarteládos naquéla vila, e de Cabeceiras a Fafe pelos srs. Candido Gonçalves, Afonso Henriques, Bernardino Pereira Leite Basto, e Eugenio Leite Basto.

De Fafe até á Trofa foi o fe retro conduzido num vagon forrado de crepes e sêda branca, com algumas bandeiras republicanas á mistura, tendo depois mudado nésta ultima estação para um *fourgon* do Minho e Douro, tambem forrado a crepes, tendo ao fundo, entre numerosas plantas, pregado um troféu de bandeiras nacionaes.

O caixão repousava sobre uma explendida tarima de talha dourada.

Na Trofa, aguardavam o cadaver o presidente da câmara de Santo Tirso, Virgilio Coelho de Andrade bem como outros cidadãos de que se destacávam Dionisio dos Santos Silva, Augusto da Silva Castro, José Corrêa Guimarães, Luiz Moreira da Silva, Antonio Moreira da Silva, Francisco de Souza Trepa, tenente Norberto Guimarães e Joaquim Cerejeira Fontes, tendo ido do Porto o sr. governador civil, que tomou a chave do caixão e o capitão de mar e guerra, sr. José Maria Marques, representante do general comandante da 3.ª divisão.

Quando o cadaver de João Mendonça chegou a Campanhã acompanhado por estas duas ultimas entidades e ainda pelo deputado Miguel Alves Ferreira, capitão Moraes Teixeira e Miguel Ferreira Pinto Basto, de Fafe, era avultado o numero de pessoas que ali se encontravam a prestar a derradeira homenagem ao infeliz administrador de Cabeceiras, perante quem se descubriram á passagem do *fourgon.*

Dentre élas estavam os comandantes e muitos oficiaes superiores e inferiores dos corpos da guarnição do Porto, da guarda republicana e da guarda fiscal; representantes de quasi todas as agremiações partidarias, do *Grupo de Defêsa da Republica,* do *Grupo Civil da Vitoria*; os senadores dr. Adriano Pimenta, dr. Malva do Vale e Augusto José Vieira; o deputado Alexandre de Barros; o sr. dr. Pereira Osorio, membro do Directorio do Partido Republicano, etc., etc.

Aberta uma das portas do *vagon* fôram então depostas grande quantidade de flôres sobre o ataude, corôas, *bouquets* e cartões, partindo uma hora depois o comboio em direcção a Aveiro e observando-se o mesmo cerimonial por parte da assistencia, de respeito pelos despojos de Mendonça Barreto.

Até Espinho viéram os srs. dr. Manuel Monteiro, governador civil de Braga, dr. Pereira Osorio, Alexandre de Barros, dr. Maia Aguiar, administrador do concelho de Ermezinde, Amadeu Vilar, presidente da comissão paroquial, Augusto Cézar de Mendonça, juiz de Paz, Augusto Vieira Carneiro, representante do *Centro Republicano de Ermezinde* e o governador civil do Porto, que entregou ao sr. Ribeiro de Almeida, chefe dêste distrito, a chave do caixão de que era portador.

Posto de novo o comboio em

marcha aqui deu entrada á hora que deixâmos dito atraz, tambem no meio do respeito da multidão que o aguardava e se descubriu, na *gare*, á passagem do feretro pela sua frente.

Começáram então os preparativos pelo *Grupo de Defêsa da Republica, comité* de Aveiro, para a organisação do enterro não sendo sem dificuldade, devido á grande aglomeração de gente no largo e rua da Estação, que se organisou

O CORTEJO

que passava das 15 horas quando se pôz em marcha. Abria-o a banda José Estevam com o seu rico estandarte, seguindo-se-lhe: o *Batalhão de Voluntarios de Aveiro*, com a bandeira; *Batalhão de Voluntarios de Agueda*, com bandeira; Escolas Centraes, masculina e feminina, da Gloria; Escola Anexa á Normal; Asilo Barbosa de Magalhães com a banda e o seu director padre Salgueiro; Academia de Aveiro, com a bandeira; Colegio Aveirense; *Associação dos Construtores Civis e Artes Correlativas*, com estandarte; *Associação dos Bateleiros*, com estandarte; *Associação dos Empregados do Comercio; Associação dos Empregados Agricolas; Recreio Artistico; Club Mario Duarte*; *Club dos Novos*, de Ilhavo; *Club dos Galitos; Centro Republicano de Aveiro; Associação Comercial;* Centros republicanos de Agueda, Vagos, Veiros, com bandeira, Canélas, Ilhavo e Arada; *Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes;* Bombeiros Voluntarios de Aveiro, com a banda; Fabrica de Louça da Fonte Nova; juntas de paroquia da Vera-Cruz e da Gloria (Aveiro), de Nariz, de Eixo, de Pardilhó, de Bunheiro, de Cacia, de Anadia, de Anta, de Espinho, de Esgueira, de Pindêlo, de Albergaria-a-Velha, de Macinhata do Vouga, de Ovar, de Valega, de Arada, etc; empregados tipograficos; imprensa; repartições dos Impostos, de Finanças e dos Correios; funcionarios da justiça e do govêrno civil; professorado; câmaras municipaes de Albergaria-a-Velha, Vagos, Sever do Vouga, Ilhavo, Ovar, Estarreja, Anadia, Vila Nova de Gaia, Espinho, Agueda, Oliveira de Azemeis, Oliveira do Bairro e Aveiro com o seu estandarte envolvido em crepes; administradores dos concelhos do distrito; Câmara dos Deputados representada pelos srs. dr. Sidonio Paes, dr. Barbosa de Magalhães, Augusto José Vieira, dr. Manuel Alegre, dr. Marques da Costa, Alberto Souto e Antonio Valente de Almeida; carro das corôas; o feretro ladeado por uma deputação de marinheiros da armada e soldados da guarda fiscal; o sr. governador civil Ribeiro de Almeida; com a chave do caixão e comissario de policia Beja da Silva; representantes da familia enlutada; banda regimental; oficialidade de infanteria, de marinha, e de cavalaria,—fechando o funebre prestito a prestimosa classe dos sargentos, em grande numero representada.

OS TURNOS

Desde a estação do caminho de ferro até ao jazigo onde ficáram depositados os restos mortaes de Mendonça Barreto, sete turnos foram organisados para pegarem ás borlas do ataude, assim compostos:

1.º—Dos deputados: *Marques da Costa, Sidonio Paes, Manuel Alegre, Barbosa de Magalhães, Augusto José Vieira e Valente de Almeida.*

2.º—Dos comandantes militares: *Coronel Feijó*, de infanteria 24; *Major Balsemão*, de cavalaria 8; *tenente Costa Cabral*, da Guarda Fiscal; *Silverio Rocha*, capitão do Porto; *major Antonio Moreira*, do Distrito de Reserva e *Dias Mayer*, de infantia 28.

3.º—Das camaras municipaes: *Francisco de Almeida Eça*, de Estarreja; *Manuel Pereira Martins*, de Vila Nova de Gaia; *Avelino Vaz*, de Espinho; *dr. Carlos Ribeiro*, de Vagos; *dr. Pedro Chaves*, de Ovar e *dr. Luiz de Brito Guimarães*, de Aveiro.

4.º—Dos administradores dos concelhos: *dr. Samuel Maia*, de Ilhavo; *dr. Eugenio Ribeiro*, de Agueda; *Fernão de Lencastre*, de Oliveira de Azemeis; *dr. Alberto Tavares*, de Ovar; *José Marques de Azevedo*, da Vila da Feira e *Joaquim do Carmo Ferreira*, de Anadia.

5.º Das juntas de paroquia: *Antonio Maria de Matos*, de Beduido; *Francisco Meireles*, da Gloria (Aveiro); *Joaquim Santos Sobreira*, de Pardilhó; *Elias Marques Mostardinha Junior*, da Oliveirinha e *José R. Fernandes*, de Requeixo.

6.º—Diversos: *Pascoal de Quintanilha*, inspector de Finanças; *Gama Regalão*, juiz de Direito; *dr. Antonio Carlos Mélo*, conservador do registo predial; *dr. Alfredo Nobre*, conservador do registo civil; *José de Paula Ataide*, director do correio e *Jacinto Agapito Rebocho*, inspector dos impostos.

7.º—Diversos: *Domingos Cerqueira*. inspector escolar; *dr. Pereira da Cruz*, delegado de saude; *dr. André dos Reis*, advogado; *dr. Armando da Cunha*, subdelegado de saude; *J. Felix*, como representante da imprensa e Recreio Artistico e *dr. Alvaro de Moura*, reitor do liceu.

NO CEMITERIO

Quando ali deu entrada o feretro mal se podia romper, tal a aglomeração de povo que o havia assaltado na ancia de escolher melhor logar para ouvir

OS DISCURSOS

Estes fôram proferidos junto do monumento dos martires da Liberdade, que ao centro da rua principal se levanta, e a multidão circunda, apinhada e cumprimida até mais não poder ser.

Toma em primeiro logar a palavra o sr. **Ribeiro de Almeida,** governador civil do distrito, em nome do govêrno, prestando á victima dos traidores de Cabeceiras de Basto, a ultima homenagem a que tem jus quem soube morrer gloriosamente no seu posto donde foi violentemente derrubado. O govêrno da Republica não esquece aqueles que assim servem a Patria. O nome de Mendonça Barreto pertence á nação portuguêsa que não esquecerá tambem os seus filhos para que êles saibam honrar a memoria do seu progenitor.

O sr. **dr. Sidonio Paes** fala em nome da deputação parlamentar que em nome das câmaras legislativas da Republica ali veio para acompanhar á sua ultima morada os restos desse martir da Patria que se chamou

No cemiterio: a multidão ouvindo os oradores junto do monumento dos Martires da Liberdade. (Cliché de M. Cruz.)

João Mendonça Barreto. Fala largamente sobre os deveres do cidadão, ataca a banditagem reaccionaria que fez aquela vitima e diz que a morte é muitas vezes a glorificação duma vida. A morte fisica desenvolve forças, energias na natureza, transformando um cadaver em novos organismos. A morte dum heroi da Republica dá mais força e mais vigor a um regimen que nasceu de sacrificios e de abnegações e que veio apenas do povo, do amor pela liberdade e pelo progresso. A memoria de Mendonça Barreto não pretense só a Aveiro, pretense á nação inteira, que tremeu de horror quando soube do barbaro assassinato da autoridade de Cabeceiras.

Segue-se o sr. **Mario Duarte,** amigo intimo do finado e presidente do club que tem o seu nome de que João Mendonça foi um dos principaes organisadores. Fala em nome dessa amisade que lhe afoga o coração em dôr e lhe enche os olhos de lagrimas. Diz-lhe o ultimo adeus em palavras repassadas de sentimento, arrancando lagrimas á multidão que o escuta.

O sr. **Augusto José Vieira,** deputado por Cabeceiras, faz largos considerandos ácêrca da morte de Mendonça Barreto terminando assim o seu discurso: unamo-nos todos em espirito, numa amarga saudade por esse bélo homem que morreu denodadamente no seu posto em defêsa da Patria e da Republica; unamo-nos tambem num protésto veemente contra todos os que se esquecem do que devem a si proprios e á terra que os viu nascer, praticando vilanías que maculam indelevelmente uma raça gloriosa, mas não nos unâmos menos nos esforços para realisar a consoladora esperança de que melhores dias virão, de paz, de progresso e de riqueza, que levantarão Portugal ao nivel superior a que tem direito entre as nações cultas.

O **dr. Marques da Costa,** em nome do Directorio do Partido Republicano Português, diz que Mendonça Barreto, dando a vida pela causa da Republica e da Patria, soube continuar a historia de tradições gloriosas dos aveirenses, que tantos martires déram em todas as lutas no nosso país pela causa da liberdade; que pela democracia êle regou com o seu sangue o solo da Patria, donde brotará uma flor perfeita, que será a Republica consolidada. O orador termina com estas palavras, virando-se para a urna em que jaz Mendonça Barreto: descança em paz, porque a Republica não esquecerá teus filhos!

O nosso colega da *Liberdade* **Alberto Souto** faz um discurso vibrante de indignação pelas atrocidades cometidas no norte pela gente de Couceiro. Fala como amigo de Mendonça Barreto, e ainda e sobretudo, como patriota e republicano. Mendonça Barreto foi um dos mais bélos representantes da raça lusitana. Boémio, sonhador, arrojado, destemido e heroico, amou como ninguem a luz e o ar, a liberdade e a Patria, Vogar sobre as aguas era a sua maior paixão. Lembrava uma recordação do passado ligando-se ao futuro. A sua alma era gêmea da alma do mar que fez despertar em nós os sonhos das descobertas e das conquistas. João Mendonça cumpriu o seu dever fazendo frente a um bando de sicários, sem tremer deante da morte, como um verdadeiro heroi. A' historia recolheu o seu nome, porque na historia não ficam apenas os nomes dos grandes e dos poderosos. Não se chore mais a sua perda. Os herois coroam se com palmas e flores. A sua memoria pretence á eternidade. A bandeira da Republica vermelha do sangue dos seus martires tem agora mais sangue, está mais rubra e mais gloriosa. Tem lá o sangue generoso dêsse bravo!

Em seguida **Costa Cabral,** comandante da guarda fiscal, diz algumas palavras em seu nome e da mesma guarda, visto ter sido tambem amigo de Mendonça Barreto. Verberou cheio de indignação o procedimento dos infames bandoleiros que não podendo assassinar a Patria querida, assassinaram os seus dedicados defensores, incapazes de semelhante traição.

Por seu turno o sr. **dr. Barbosa de Magalhães** refére-se tambem com palavras de elogio ao saudoso extinto, passando em revista o que em Chaves observou a quando dos funeraes dos nossos valentes soldados, que morreram pela Republica, em que o povo após o enterro vitoriou a Patria e a Republica, ao som da *Portuguêsa*. O momento não é de desanimos, mas sim de lucta. Lutêmos, pois.

O velho republicano de Aveiro, **dr. Joaquim de Mélo Freitas,** que tambem toma a palavra, faz realçar em frase caracteristica e burilada, como é seu costume, o valor dos aveirenses, relembrando os feitos dos martires da liberdade, o valor do capitão Maia Magalhães nas duas incursões de Couceiro, e fazendo a apologia da conduta heroica de Mendonça Barreto, termina por dizer que, servindo-se da frase de Barbosa de Magalhães, a hora não é para tristezas mas sim de alegria para glorificar o heroe e fazer a apoteose da Republica.

Em nome do municipio e portanto do concelho de Aveiro, o sr. **dr. Luis de Brito Guimarães,** presidente da comissão administrativa, presta homenagem áquêle que em vida se chamou Mendonça Barreto, cuja memoria deve ser respeitada como simbolo de coragem pela maneira como encarou a morte deante dos insurrétos de Cabeceiras de Basto. E' tambem dos que julga a hora soléne para glorificar a Republica e por isso solta os gritos de viva a Patria, viva a Republica, que são freneticamente correspondidos.

Fecha a série de discursos o sr. **Silverio de Magalhães,** que em nome do *Centro Republicano* envia o ultimo adeus a Mendonça Barreto. Invoca a memoria dos seus antepassados que se encontram naquêle campo dos mortos e que pelejáram e soferam pela Liberdade, relembrando varios episodios das atrocidades miguelistas. Mendonça Barreto pertence ainda a essa falange e foi morto pelos descendentes dos mesmos bandidos que queriam restaurar em Portugal a monarquia miguelina da fôrca e das sangrentas execuções.

Eram perto de 18 horas quando terminou a justa consagração de Mendonça Barreto no cemiterio, debandando a multidão emquanto á casa da familia do extinto se dirigiram a apresentar condolencias os srs. governador civil, que entregou á viuva a chave do caixão. dr. Manuel Alegre, Valente de Almeida, dr. Marques da Costa, dr. Sidonio Paes, Augusto José Vieira e Alberto Souto.

COROAS

Eram muitas e variadas as que se destacávam como ultima oferta ao infeliz João Mendonça, sobresaindo estas pelo seu tamanho e confecção:

Do *Centro Republicano Democratico de Estarreja*; dos sargentos de Infanteria da Guarnição de Aveiro; de seu sobrinho Carlos Mendonça; da *Comissão Republicana Administrativa* de Cabeceias de Basto; do comercio de Cabeceiras de Basto; dos seus amigos Raul e Antenor de Matos; de José Teixeira Leite Basto e familia, Candido Augusto Gonçalves Basto e familia e os amigos José dos Santos Carvalho, Eugenio Leite Basto, José Fernandes Barroso e Francisco J. Rodrigues de Carvalho, de Cabeceiras de Basto; do pessoal telegrafo-postal de Aveiro; da *Associação dos Empregados do Comercio de Aveiro;* dos empregados dos impostos do distrito de Aveiro; da esposa e filhos; do *Grupo de Defêsa da Republica de Aveiro;* dos seus amigos Espirito Santo e A. Regala, de Aveiro; do *Centro Republicano de Ermezinde;* dum grupo de amigos e admiradores de Aveiro; do *Centro Republicano de Aveiro*; da *Secção da Guarda Fiscal de Aveiro*; dos oficiaes de Infanteria 24 de Aveiro; do *Club Mario Duarte,* de Aveiro; dos republicanos de Ilhavo; de Antonio da Rocha, de Aveiro e do *Batalhão de Voluntarios de Aveiro.*

Tambem fôram depostos alguns *bouquets* de flôres naturaes e artificiaes, podendo nós tomar nota dos seguintes:

De Alexandre de Barros, jornalista e deputado pelo circulo n.º 12; do *Centro Gabinête dos Vermelhos*, do Porto; de A. C. L., do Porto; do *Centro Republicano das Aradas* (Aveiro); de André Pinto dos Santos, do Porto; do *Grupo Civil da Vitoria*, do Porto, além de muitos outros sem dedicatoria e que mãos piedosas depuzeram sobre o ataude.

Representações

Dâmos tão completa quanto possivel nos foi organisar, a lista das colectividades e individuos que tomáram parte no cortejo civico de domingo:

Na estação: organisação do cortejo. (Cliché de M. Cruz.)

Concelho de **Aveiro:** municipalidade, dr. Luiz de Brito Guimarães, Manuel Augusto da Silva, Pompilio Ratola, Manuel Teixeira Ramalho, Sebastião Pereira de Figueiredo, Vicente Rodrigues da Cruz, José da Fonseca Prat e Firmino de Vilhena, secretario.

Junta de paroquia da Vera-Cruz, Manuel Paula Graça, José Marques Soares e Luiz de Pinho das Neves; da Gloria, Francisco Meireles, Joaquim Martins e José Pinheiro Paupista; *Centro Republicano de Aveiro*, Silverio de Magalhães, Antonio Vilar, Domingos Patacão, e Manuel Lopes da Silva Guimarães; juiz de direito, dr. Gama Regalão; delegado do Procurador da Republica, dr. Adolfo Coutinho; escrivães, Francisco Marques da Silva, J. Luiz Flamengo, Julio Cristo e Albano Pinheiro; governador civil substituto, dr. Mélo Freitas; oficiaes do govêrno civil, dr. Manuel Maria da Rocha Madail, Joaquim Augusto de Lima, amanuense Acacio Rosa e Bento dos Santos, José de Pinho e Adriano Pires; inspecção de Finanças, Pascoal de Quintanilha; 1.º oficial, Catão Simões; 2.º oficial, Viriato Ferreira de Lima e Souza; 3.ºs oficiaes, Antonio Ferreira, Reinaldo Torres e Casimiro Ferreira da Cunha; secretario de Finanças, Faustino Pereira Camêlo; secção dos Impostos, Jacinto Rebocho, Pinto Victor, Sergio Bacelar e Porfirio da Silva; *Grupo de Defêsa da Republica,* Bernardo Torres, Lino Marques, Fortunato de Lima, Eduardo de Pinho das Neves, João Augusto Rosa, Alipio Pires, Eduardo Miranda, Alfredo Gaspar de Oliveira, etc; correios e telegrafos, José de Paula Ataide, Augusto Varéla, Alfredo Cézar de Brito, Antonio Simões de Carvalho, José de Miranda Sarmento, Antero Pina, Arnaldo Duarte Silva, José de Oliveira Lopes, Amadeu Tavares, José Carvalho Junior, Manuel dos Santos, Leovogildo de Mélo, Manuel Rodrigues da Graça, José Silva, Guilherme Sá, Antonio Joaquim Gloria e Gonçalo Moutéla; oficiaes do exercito, coronel Oliveira Feijó, majores Peres e Adalberto de Souza Dias; capitães Alberto Salgado, Strech de Vasconcélos, Antonio da Rosa Martins, José Pinto Queimada, Wenceslau Guimarães e Zeferino Borges; tenentes Mario Gamélas, João Pedro Ruéla, Manuel de Carvalho, Antonio Ferrão e Julio Antunes; alferes Gaspar Ferreira; capitães de cavalaria 8, Balsemão, Carlos Guimarães, Barão de Cadoro (Carlos) tenente medico José Maria Soares, padre Francisco Barbosa Silva, aspirante Rogerio, major Antonio Moreira, tenente Santana etc. etc.

Junta de paroquia de Arada, Amandio Ribeiro da Rocha; professor Rocha Martins; *Centro Republicano de Arada*, Manuel Simões Morgado; junta de paroquia de Eixo, Manuel Simões Pereira; juiz de paz, Aristides Dias de Figueiredo; *Centro Republicano de Cacia*, João Afonso Fernandes e tantas outras agremiações e individuos que noutras partes deste relato vão mencionados faltando ainda muitos de quem não pudémos obter os nomes e alguns que nos não ocorrem.

Concelho de **Anadia:** municipalidade, Manuel Gomes Junior; *Grupo de Defêsa da Republica*, Pompeu da Naia e Silva, que tambem representou o dr. Cancéla; Comissão Paroqnial de Vila Nova de Monsarros, Antonio de Campos Junior; Comissão Paroquial da Moita, Manuel Rodrigues e o administrador, Joaquim do Carmo Ferreira.

Concelho de **Agueda:** municipalidade, Souza Carneiro e Narciso Figueira; *Centro Republicano*, Alvaro Vidal e Urbano Sucêna; uma deputação do Batalhão de Voluntarios, com bandeira; Comissão Paroquial de Ois da Ribeira, João Maria dos Reis; Junta de Paroquia de Ois, Albano Joaquim de Almeida; regedor de Ois, Manuel Joaquim dos Reis; *Centro Republicano de Ois*, Diamantino Francisco da Silva e muitos socios; secretario de Finanças de Agueda, Leopoldo Neto; advogado, dr. Angelo Ribeiro; contador Ribeiro de Mélo; escrivão de direito, João Martins de Pinho; secretario e amanuense da administração, José de Freitas Sucêna e Gaspar Afonso dos Santos; 1.º aspirante da Fazenda, Joaquim Augusto de Almeida e Silva; tenente do 3.º batalhão de Infanteria 28, Freire e alguns sargentos; professor de Travassô, Camilo Ferrão; provedor da Misericordia, Alipio Haro e Oliveira; administrador e o jornal *Independencia de Agueda*, dr. Eugenio Ribeiro.

Concelho de **Albergaria-a-Velha:** municipalidade, dr. Jaime Ferreira; o jornal *Progresso de Alquerubim*, José Dias Aidos; administrador, dr. Nogueira Lemos, que representou tambem a junta de paroquia de Alquerubim e os fiscaes dos impostos; junta de paroquia de S. João de Loure, José Nunes de Paiva; comissão politica da mesma freguezia, Joaquim Ribeiro de Matos.

Concelho de **Estarreja:** municipalidade, administrador e o jornal *Futuro de Estarreja*, Francisco de Almeida Eça; Junta de Paroquia de Beduido, Antonio Maria de Matos; *Centro Democratico*, Filipe Albergaria; *Centro Republicano de Canélas*, João Pedro Rodrigues; *Centro Republicano de Veiros*, João Maria de Souza Henriques, João Augusto Pires, Francisco José Paes de Oliveira, Francisco de Souza Garganta, Joaquim Antonio Dias, Augusto Dias, Manuel Maria Marques, Antonio Caetano Valente, João Maria Gonçalves e José Maria Marques; Comissão Paroquial de Pardelhas, Bernardo Maria da Silva; regedor da Murtosa, Francisco Antonio de Pinho Junior; Registo Civil, o ajudante, João Salgado; Junta de Paroquia de Pardilhó, Joaquim Santos Sobreira; *Jornal de Estarreja*, Carlos Alberto da Costa.

Concelho de **Espinho:** municipalidade, Avelino Vaz e Alberto Milheiro; Junta de Paroquia, Raul de Pinho Faustino; Comissão Paroquial Politica, *Grupo de Defêsa da Republica* e Bombeiros Voluntarios, José Augusto Pires; Comissão Municipal Politica, Alberto Delgado; Artur Alberto Ribeiro Carneiro de Sá, 2.º sargento revolucionario de 31 de Janeiro; *Centro Republicano Democratico*, Ramiro Mourão e Alfredo de Berredo; Henrique Monteiro; administrador, Montenegro dos Santos, com poderes de representar o dr. Pinto Coelho.

Concelho de **Ilhavo:** municipalidade, Joaquim Valente, Julio Figueiredo, Carlos Marnoto, Nunes de Castro, Pingnêlo de Oliveira, Josué Ramos e Abel Regala, secretario; oficial do registo civil, dr. Carvalho Junior; Junta de Paroquia, Joaquim Patoilo; *Cub dos Novos*, José Celestino; secretario da administração, Augusto, Figueira; administrador, dr. Samuel Maia.

Concelho de **Oliveira de Azemeis:** municipalidade, Luiz Martins e Manuel Paiva; Junta de paroquia, João Lourenço da Silva; Junta de parochia de Cezár, Cézar de Oliveira Jorge; Junta de Paroquia de Pindêlo, Francisco Soares Pinheiro, Inácio de Oliveira e Manuel Ferreira da Costa; medico José Lopes de Oliveira; jornal *O Radical*, Joaquim Nunes da Silva; Mario Guimarães; empregado de Finanças, Manuel Marques da Fonseca; Junta de parochia do Pinheiro da Bemposta, Francisco Alves Martins; administrador, Fernão de Lencastre.

Concelho de **Ovar:** municipalidade, dr. Pedro Chaves, Manuel Pereira Dias, José de Oliveira Lopes, Celestino Soares de Almeida e Manuel Salvador; *Centro Republicano*, dr. João de Mélo e Fernando Artur Pereira; Comissão Municipal Politica, Antonio Gaioso, Artur Seixas e Francisco Brandão; Junta de Paroquia, Luiz Neves e Manuel Moreira; Comissão Paroquial politica de Valega, Antonio da Cunha e Silva; jornal *A Patria*, Manuel Nunes Branco; administrador, dr. Alberto Tavares.

Concelho de **Oliveira do Bairro:** municipalidade, Manuel de Oliveira Mota, Manuel Rodrigues de Souza, Joaquim da Silva Pires e Jacinto Simões dos Louros; *Grupo de Defêsa da Republica*, Manuel de Oliveira Mota; Comissão Paroquial do Troviscal, Manuel dos Santos Pereira e Antonio Caetano da Rosa; administrador e *Centro Republicano*, Manuel dos Santos Ferreira.

Concelho da **Vila da Feira:** municipalidade, Vitorino Gomes de Freitas; Junta de Paroquia de Anta, José Nogueira da Silva; Comissão Paroquial politica de Anta, José Rodrigues Pereira; administrador, José C. Marques de Azevedo.

Concelho de **Vagos:** municipalidade, Manuel Freire Sineiro, José Domingos Cristo, Antonio Ferreira Regalado e dr. Carlos Ribeiro, representando o presidente; Junta de Paroquia, Manuel Jenuario, José Tomaz de Abreu, Joaquim da Rocha e José da Silva Dionisio; *Jornal de Vagos*, Antonio Vidal e João Moraes; *Centro Escolar Republicano de Vagos*, João Cristão, Julio Mouro, Emidio Rocha e Berardo Costodio; o jornal *Correio de Vagos*, Julio Maia; escrivão de Direito, Antonio Sampaio; regedor José Fernandes Mourão; administrador, Francisco Encarnação.

Como se vê, dos 17 concelhos do distrito apenas cinco deixaram, pela distancia a que se encontram, de enviar a esta cidade os seus delegados a prestarem a ultima homenagem ao inditoso Mendonça Barrêto. Mas ainda assim se fizeram representar: a municipalidade de **Sever do Vouga:** pelo conceituado negociante da nossa praça, sr. Pompeu da Costa Pereira e o administrador por Elisio Feio; a municipalidade de **Macieira de Cambra,** pelo digno delegado désta comarca, dr. Adolfo Coutinho, representando o sr. Antonio de Aguiar, secretario da administração, o respectivo administrador; a municipalidade de **Arouca** pelo sr. dr. Brito Guimarães que egualmente representou a da **Mealhada** e **Pombal** tomando o encargo de representar a junta de paroquia do primeiro concelho, o sr. tenente Ruela e a Comissão Politica e o administrador, o sr. dr. Mélo Freitas, encarregado tambem pelo sr. dr. Vaz Ferreira, da Vila da Feira, de fazer as suas vezes; a *Gazeta de Arouca*, por Rui da Cunha e Costa e o administrador da **Mealhada** pelo seu colega Beja da Silva que ainda representou os de **Barcélos, Covilhã** e **Azambuja;** a municipalidade de **Castélo de Paiva** pelo director do *Democrata* a quem os srs. José Alves de Oliveira, de Agueda, e o professor de Argoncilhe (Feira) João Carlos Pereira de Amorim encarregaram tambem da mesma missão, sendo a autoridade administrativa de Paiva representada pelo dr. Alberto Ruéla.

Vieram da mesma sorte tomar parte no cortejo funebre os srs. Manuel Pereira Martins, delegado da municipalidade de **Vila Nova de Gaia;** André Pinto dos Santos, da *Sociedade da Cruz Vermelha*; Ernesto Braga, Adelino de Souza e Americo Lourenço, empregados viajantes, do Porto; Manuel Pereira Dias, pelo *Centro Republicano Democratico de Lisboa*; Jorge Couto Viana pelos *Centro Republicano Radical de Cedofeita* e *Centro Democratico Valente Perfeito*, do Porto e *dr. Henrique Pinto, oficial do Registo Civil, de Setubal.*

O governador civil dêste distrito, sr. Ribeiro de Almeida, representou o seu coléga de Braga, dr. Manuel Monteiro, a quem os seus afazeres impediram de vir até esta cidade.

Um telegrama

Do director da Penitenciária de Lisboa, ex-governador civil de Aveiro:

Lisboa, 21

Ao Presidente do Centro Republicano—Aveiro

Sendo hoje prestada homenagem a um filho de Aveiro, briosamente morto pela Republica, saudo em vós o patriotismo e elevadas virtudes civicas dos republicanos de Aveiro.

(a) Rodrigo Rodrigues

Agradecimento

O *Grupo de Defêsa da Republica de Aveiro*, agradece a todas as câmaras municipaes, juntas, centros, clubs, associações e comissões, a todas as entidades oficiaes e a todos os cidadãos que se dignaram concorrer ao funeral de Mendon-

ça Barreto ou nêle se fizéram representar, pedindo-lhe seja relevada qualquer falta que involuntariamente tenha cometido.

O presidente,

Bernardo de Sousa Torres.

OLHA QUEM ÊLE É...

Fortunato foi o seu nome primitivo. Depois passou a Mario e assim é que um dia nol-o apresentaram em Coimbra, de grande flôr ao peito, sobraçando a capa, munoculo no olho, um perfeito *dandy* academico.

— O sr. Mario Monteiro, poeta e um dos talentos mais previlegiados da academia...

— Muita honra em conhecel-o...

Mario Monteiro! Mas este nome anda ligado ao do *Julião das iscas* em cantigas populares...

Fui ontem ás *iscas*
Ao Julião
Comi de tudo
Ferrei-lhe o cão;
Nisto aparece
O Mario Monteiro
Poeta novo
Pantomineiro.

Com efeito Mario Monteiro não era tomado a sério por ninguem, e já a apresentação que dêle nos fizeram obedecia, como calculámos, a um plano de troça que dentro em bréve se encetou sob os melhores auspicios, pelo disfruto a que o moço academico se prestava.

Bons bocados passámos.

Feito bacharel, instalou-se em Lisboa começando a inculcar-se como homem de ideias avançadas depois da proclamação da Republica, embora antes tivesse sido um dos melhores *engraixadores* das magestades.

Advogava e escrevia num jornal que fundou, *A Alvorada*, artigos de verrina e de escandalo muito semelhantes aos do *pulha de Aveiro* e que os *talassas* propagandeávam por atacar com ganas de cão raivoso as principaes figuras em destaque no novo regimen.

E' que Mario Monteiro, como vae vêr-se, não conseguiu arranjar *osso*, apezar do empenho com que se dirigiu ao dr. Malva do Vale, escrevendo-lhe a seguinte carta:

Meu caro doutor

Precisáva que me auxiliasse e que me indicasse para qualquer cargo ainda que insignificante.

O Lacerda, da policia, vai deixar o logar e, como esse, tantos outros logares axistem. Sabe que não aderi depois de tudo feito, *mas sim que combati da 1.ª á ultima hora.*

Peço-lhe pois que me auxilie e espero qualquer resposta sua.

Seu amigo cérto e sincéro.

Mario Monteiro.

S;c. Mateus—Dafundo.

P. S. Não me póde levar como seu subordinado?

O enfatuado director da *Alvorada* qneria um logar á meza do orçamento, logar que servilmente solicitou de Malva do Vale.

Não lh'o déram e por isso co, mo qualquer despeitado, berrouberrou, fez-se conspirador, até que o internáram no Limoeiro para onde mudou o... escritorio e aguarda o dia duma nova *alvorada*...

O pantomineiro!

Um livro

Do escritor Domingos Guimarães recebêmos a semana passada pelo correio um volume que acaba de traduzir, devido á penna de Michelet, intitulado—*Historia Social: O Povo*—e que constitue o XIII da séria publicáda pela *Bibliotéca de Educação Intelectual*, do Porto.

A falta de tempo para lêrmos esta e outras obras que ultimamente nos teem sido enviadas, força-nos a só acusarmos a sua recéção, como têmos vindo fazendo, se bem que algumas de mais largas referencias fossem merecedoras, devido á proveniencia.

Um dia, porém, será. E entretanto vá recebendo o sr. Domingos Guimarães os nossos agradecimentos pela oferta do seu novo trabalho, que só tem a desvalorisal-o a dedicatoria com que nos quiz distinguir.

Teatro Aveirense

O tribunal da Relação do Porto negou, em sua sessão de terça-feira, provimento ao agravo de que, em tempo, aqui falámos interposto, por Manuel Cristo, Ricardo Campos e Albino Miranda, do despacho do juiz désta comarca no processo de reclamação por êles apresentada contra as deliberações da Assembleia Geral da sociedade do Teatro Aveirense, em 21 de janeiro ultimo.

A decisão da Relação representa o triunfo da justiça, da lei e da moralidade, que a talassaría, segundo nos informam, tentou esmagar por todas as fórmas ao seu alcance.

E', por outro lado, mais uma vitória do partido repnblicano local representado nos corpos gerentes da sociedade, que sob a nova administração, ha-de progredir, cértamente.

A noticia dando conhecimento do acordam da Relação propalou-se imediatamente na terça-feira á tarde, sendo visivel a satisfação de todos os acionistas ao saberem déla.

O *Democrata* felicita os corpos gerentes do teatro e tambem o digno advogado dr. André dos Reis, presidente da meza da Assembleia Geral, a quem se déve grande parte do triunfo.

Julgamento adiado

Não têve logar na segunda-feira, como fôra por nós dito, o julgamento, no tribunal désta comarca, dos padres Rodrigues da Costa, prior de Cacia, e Amaro, que são acusados de terem transgredido a lei da Separação.

Realizar-se-ha impreterivelmente no dia 5 de agosto com tanta ou mais concorrencia do que aquéla que se via, a 21, na sala do tribunal.

Principio de incendio

Na madrugada de quarta-feira manifestou-se incendio na fabrica de louça da Fonte Nova, pelo que fôram chamados os soccorros dos bombeiros, que não tardaram em comparecer.

O fogo tinha tido começo na casa das maquinas, que é de madeira, não chegando contudo a tomar grande incremento por de pronto lhe acudir um troço de operarios que ia para o trabalho e o extinguiu a baldes de agua.

Na forma do costume apenas o sino dos Paços do Concelho deu o sinal de alarme, conservando-se os outros, preparados para esse efeito, mudos e quêdos como penêdos...

A quem pedir providencias?

A QUEM COMPETE

Para a demonstração dum crime não ha sómente provas directas, mas tambem as indirectas ou conjecturas, e algumas vezes estas de tal numero e força que levam o nosso espirito a tirar ilações que não ha logica que as distrua.

Vem esta observação a proposito da fuga simultanea desta cidade, na vespera da incursão couceirista, de cinco reconhecidos inimigos das instituições.

Quem duvidará do caso, conhecidas as qualidades e os precedentes destes cinco fugitivos, sabido o seu odio a tudo quanto seja republicano e que embora alguns deles absolvidos e despronunciados, a consciencia pública acusa como fazendo parte do *complot* monarquico, conforme a propria confissão do chefe Jaime Duarte Silva, que êles e outros, que na sombra ficaram, teem entendimentos com aqueles que na fronteira atentáram e estão atentando contra o regimen e a integridade da Patria?

Não são precisas grandes luzes intelectuaes para se concluir duma forma clara que esses cinco fugitivos são outros tantos conspiradores a quem é preciso punir e castigar tal a audacia que revélam.

Estâmos numa época de *limpeza* e por isso necessario se torna estar álerta sem considerações de qualquer ordem, proceder com o maximo rigor para com todos aquêles que, renegados portuguêses, procuram voltar ao passado restaurando um regimen que tanto infelicitou o país.

Dois desses individuos estão na posse da autoridade.

Porque se espera para que os tres restantes se encontrem em identica situação?

DE PASSAGEM

O sr. Mario Duarte permitiu-se, no domingo, quando usava da palavra á beira da campa de Mendonça Barreto, fazer uma insinuação a este jornal por num dos seus numeros se ter referido ao morto, apreciando-o sob o ponto de vista politico. Não admira.

O sr. Mario Duarte, como, de resto, a maior parte da gente, acostumou-se a só vêr na imprensa elogios aos que morrem embora nêssa mesma imprensa muitas vezes tivessem sido atacados pelos seus erros e até crimes, como facil nos sería apresentar exemplos, e de aí a sua estranhêsa por haver quem se afaste da regra geral. E' que, sr. Mario Duarte, nós nem somos de preconceitos nem tão pouco aprendemos a ser hipocritas, enfileirando ao lado dos que vivem bem com *Deus* e com o *Diabo*.

Não têmos nós sacrificado amigos de infancia, só porque os vêmos enveredar por caminho errado, que não é o da rectidão nem o da dignidade? Não têmos nós sacrificado interesses pessoaes, o nosso socêgo, o pão da familia, só porque nunca quizemos transigir com os que se prestam a todas as baixêsas com tanto que de aí lhes advenha importancia, bem estar, regalias? Pois o facto de qualquer cidadão se dizer republicano será o bastante para que todos o julguem como tal, ainda mesmo quando os seus actos não estejam em harmonia com as ideias que diz professar? Que diria de nós o sr. Mario Duarte se nos visse desempenhar cargos de confiança da monarquia pondo de parte correligionarios e toda a solidariedade que com êles se deve manter? Chamáva-nos coerentes? Não desconfiáva das nossas convicções? Achava por ventura, o mais natural, um procedimento desses?

Sr. Mario Duarte, sr. Mario Duarte, que boa ocasião perdeu de estar calado. Nós não ferimos aqui as suscétibilidades de ninguem. Ainda que lhe pése e aos seus amigos, sr. Mario Duarte, o que nós dissémos foi tão sómente para repôr a verdade no seu devido logar, já que tanto se estava explorando com a morte do pobre Mendonça Barreto.

De resto nós fomos dos primeiros a fazer-lhe justiça. João Mendonça era um arrojado, um audacioso. Como tal morreu ao serviço da Republica, redimindo com o seu acto de coragem e abnegação toda a vida ingloria que atravessou.

Quer dizer: soube morrer. E isso para nós já é muito, já é tudo porque ao menos, na hora da morte, honrou a terra que lhe foi berço mostrando-se um homem de coragem e valoroso, merecedor do respeito de todos.

E' o que tem de ficar na historia.

Nada mais.

TAMANCADAS...

Surgiu de novo a rabiscar na *Lucta* ali o alveitar da rua Direita, que, para não saír fóra dos habitos antigos de dizer mal de tudo e de todos, se nos dirige sem ter, contudo, a hombridade de falar claro ou discutir os assuntos que aqui se debátem. Costume velho.

O alveitar assim como os companheiros da *bôa imprensa*, que tem o *Bébes* por oraculo e o *verde dos campos* por principal factor da inspiração, supõe, talvez, que só as suas *tamancádas* que vem alterar a nossa norma de escrever e a linha de absoluta independencia que sempre têmos mantido sem olhar ás antipatias que nos advêem por cada verdade que lançâmos ao jornal. Enganam-se redondamente os *tamancos*. Superior aos insultos está a nossa consciencia, e essa não nos acusa de termos traído a missão que vimos desempenhando ha cinco anos, sem brilho é cérto, mas com todo o desassombro de quem não receia a controvérsia do que diz e lança a público néstas colunas.

Pela imprensa

Por terem encetádo novo ano na sua já longa existencia, felicitâmos cordealmente os nossos colégas *A Voz da Oficina*, de Vizeu, e *O Domingo*, de Aldegalega, esforçados paladinos da causa democratica, a quem desejâmos todas as prosperidades inerentes ao seu modo de ser politico.

CONFRONTOS

Em Lisboa, emudecem milhares de bôcas a um gesto de Sebastião de Magalhães Lima.

Em Lisboa milhares de pessoas ovacionam esse grande cidadão, gloria do povo luzitano.

Em Lisboa milhares de mãos se estendem e milhares de braços se erguem, levando em triunfo, essa veneranda figura, modêlo de virtudes e de amor pelo seu proximo, pela humanidade, mundialmente venerádo e querido como uma das figuras mais nobres e grandiosas, protetor e defensor da paz, da confraternisação e do amor.

E enquanto Sebastião de Magalhães Lima se destáca désta fórma luminosa e grande, admiravel e nobre nos actos da sua vida, seu irmão Jaime de Magalhães Lima, abstraindo da sua apagada personalidade como politico, mas acordando apenas a sua qualidade de aveirense—como muitos outros fizéram—não partilha da sentida e nobre homenagem que a cidade e o distrito prestou á memoria de Mendonça Barreto, como um brado intimo de grandioso protesto contra a infamia que o vitimou; mas em compensação foi ao Porto, apezar de ser bem mais encomoda e dispendiosa a jornada, defender com o seu testemunho Jaime Duarte Silva, acusado de conspirador *e, por sua honra, jurou que era um homem honrado, um homem honesto, nunca tendo conspirado contra as instituições, que afinal Jaime Silva servia!!!*

Jaime Silva que do nome de seu venerando irmão abusou para proteger a consumação duma das muitas infamias por êle praticadas!

Que diferentes obreiros!

Um pela elevação suprêma da humanidade — outro pela impunidade ofensiva de criminosos!

D. Maria das Dores Marques

Está de luto pela morte de sua estremecida esposa, o nosso querido e velho amigo, dr. Abilio Gonçalves Marques, medico na Costa do Valado.

A noticia do fatal desenlace, posto que esperada, recebemol-a nós ante-ontem de tarde, poucas horas depois de se ter dado, espalhando-se em seguida por toda a cidade onde a bondosissima senhora estava relacionada e era muito conhecida pelas suas virtudes e tantos outros predicados que só enobreciam a sua alma de esposa dedicada e mãe amantissima.

A sr.ª D. Maria das Dores, que ha perto de dez mezes vinha sofrendo atrozmente, sucumbe aos estragos dum sarcôma para que fôram impotentes todos os recursos da medicina e cuidados do desvelado marido no intuito de a salvar, podendo-se dizer que morre ainda nova pois não tinha completado 48 anos.

Deixa na orfandade duas filhinhas, que são o encanto, o enlevo do desolado pae, uma délas, a Mariasinha, criança deveras inteligente e interessante, para quem a mãe era tudo, como tantas vezes tivémos ocasião de observar naquêle lar todo paz, todo amor, todo harmonia.

Confessâmos que não temos nêste momento palavras de conforto para dirigir a Abilio Marques.

E' que quando um amigo vê sofrer outro amigo, naturalmente compartilha da sua dôr; e esse sentimento é tão penoso, tão profundo, que nos impéde de o fortalecer doutro modo que não seja com um abraço muito apertado onde vá impréssa toda a magoa que nos causa o seu infortunio.

***

Faleceu tambem, no dia 19, em Esgueira, a sr.ª Maria da Cruz de Jezus, esposa do sr. Manuel Marques da Cunha e irmã do nosso amigo sr. Manuel Dias dos Santos.

Foi vitima duma parelisia que lhe tolheu os movimentos e a prostou em seguida para não mais se levantar.

Pêzames a todos os seus.

Nas Carmelitas

Continuam, sob prisão, no comissariado de policia, instaládo no antigo convento de freiras do Largo do Marquêz de Pombal, o professor Ataíde, Antonio Ferreira e Marques Rosa, secretario do *pulha de Aveiro*, aos quaes se fôram juntar ultimamente o padre Albino Lopes Tavares de Pinho, vindo de Oliveira de Azemeis, padre Antonio Nunes Monteiro, de Sever do Vouga, Antonio Augusto de Bastos, idem e João José Barreiro, de Anadia.

São todos acusados de terem tido, mais ou menos, entendimentos com os conspiradores, á excépção de Marques Rosa a quem o vimos atribuir o disparo de tres tiros de revolver na noite em que diz ter sido agredido por alguns republicanos contra quem apresentou queixa no tribunal.

Quem sabe?

São da bôca do creado e *cunhado* do famigerado bandido, padre Domingos, de Cabeceiras de Basto, as seguintes palavras que aqui reproduzimos para que fiquem bem vivas no espirito de todos nós, conterraneos do inditoso Mendonça Barreto:

....

Mais contou o preso que, após o assassinato do administrador de Cabeceiras de Basto, pelo padre Pina, abade de Painzela, este fôra a casa do padre Domingos, dizendo-lhe ser bom atirador, pois apontára a espingarda contra Mendonça Barreto, matando-o com um tiro, e que vira ainda o ferido, quasi a caír, entrar no estabelecimento do negociante Leite, com mercearia junto do sitio em que o ferira mortalmente. Acrescentou ter ouvido o padre Domingos censurar o crime, ficando até indignado, pois que era amigo do morto; e que o padre Pina, sabendo que o procuravam para o prender, mandou, uma noite tocar os sinos a rebate, incitando o povo á revolta.

Referiu ainda que os padres Domingos e Pina, e o abade de Outeiro, que tambem andára a fazer fogo contra as tropas e republicanos, tinham-se refugiado todos em Espanha.

Como se vê Mendonça Barreto foi propositada e friamente alvejado e morto por esse facinora do padre Pina, com o sangue frio dum emerito salteador, ou com a preocupação apênas que prende um caçador atirando a um coelho.

E da segurança da pontaria, veiu o grande miseravel ufanar-se junto do seu chefe!!!

Conservêmos de memoria o nome do assassino, porque—quem sabe?—talvez que imprevistamente o acaso proporcione a qualquer de nós a honra duma vingança!

Quem sabe?

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte.........	*34$600*
A. M...................	500
Soma............	*35$100*

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

A ENTREGA

Consumou-se hontem o facto a que na minha ultima correspondencia aludi. Tomou posse a nova comissão paroquial administrativa do Couto de Cucujães!

Dos dois *talassas*, que pelo primeiro oficio do sr. administrador do concelho entravam nêssa composição, apenas ficou um, aquêle que afirmou que os frades do Couto não eram frades, unicamente para que os bens nacionaes não fôssem integrados o convento e demais propriedades beneditinas.

Este *talassa*, que anciosamente esperava a vinda do Paiva Couceiro com toda a bagagem frades-co-manuelina, para continuar, no seu pequeno potentado, a ditar as leis—travões da liberdade, do progresso—lá ficou.

O outro, aquêle que arfava o peito na mesma egualdade de sentimentos, de aspirações, ficou de escabeche para ser brevemente servido no poder judicial da freguezia, ara ser nomeado juiz de paz do *distrito* do Couto.

E julgaram esses *honestos politicos* que a imoralidade havia desaparecido com essa deslocação!

Além de terem conspurcado, com a presença de *talassas* na comissão, a Republica, localmente amarrada ao caciquismo pela mão traiçoeira do sr. administrador, ainda fôram com as gargalhadas da baixa comedia que representam, gloriar-se do seu triunfo. Não me admira o descaramento com que pretendem iludir a moralidade, a dignidade, porque desde sempre não conheceram outros processos; mas o que me espanta é que republicanos se deixem adormecer sobre as mil promessas falsárias, enganadoras em que são distintos catedraticos.

E' preciso que os cidadãos republicanos não esqueçam o passado politico dêsses estranguladores da liberdade, das vinganças que sempre juraram aos que combateram a monarquia e aos que incansavelmente trabalharam para que o solo da Patria não fôsse pisado por essa quadrilha de bandoleiros armados pela reacção ou aos que com verdadeiro patriotismo vigiavam os seus confrades, que á entrada da Republica Portuguêsa viviam em revolta surda de cobardes assassinos fratricidas.

Não me admira que os reaccionarios se sirvam de taes processos para conseguirem os seus fins, pois essas qualidades fazem parte integrante da sua psicologia; o contrario é que me espantava por não ser coerente com os seus autores. Mas o que revolta toda a gente que quotidianamente se sacrifica para esmagar a vibora venenosa do ultramontanismo, ferindo-a com os raios coloridos e quentes do progresso social, é vêr homens, que se dizem livres-pensadores e convictos republicanos, facilitarem-lhes o seu trabalho de toupeira, trabalharem mesmo pela sua causa, pelo retrocesso.

O que me faz erguer os punhos cerrados em titanico protesto; o que me faz gritar com toda a força dum peito de patriota—abaixo os traidores! —é vêr o sr. administrador do concelho, em familiar abraço, convidar esses reaccionarios a entrar na nossa casa sem os despir dos seus habitos onde escondem, nas prégas dum sorriso, o veneno com que esperam matar a Republica, sem os desinfectar rigorosamente por uma longa e harmonica série de factos.

E esta minha atitude é tanto mais para se movimentar quanto de intenso e verdadeiro combate republicano foi o passado do sr. Fernão de Lencastre.

E' triste vêr um antigo companheiro de trabalho afundar-se no lamaçal que tantas vezes apontava nauseado ao pobre ignorante e descuidado, mas é repugnante vêr esse homem querer lançar no mesmo abismo todos os que se cançam por destruir esses parasitas.

E o sr. escrivão Andrade foi sempre, e ainda o é, um verdadeiro parasita, que não gosta de se aquecer á luz vivificante da liberdade dos povos.

Antes de cinco de outubro demonstra-o o seu bem conhecido passado politico; depois da implantação da Republica afirma-o a sua hipocrita conduta, dil-o, ainda recentemente, a quando da eleição dos avaliadores dos predios para a formação das novas matrizes, a galopinagem desemfreada de que se serviu para combater a pretenção dum antigo progressista, mas que havia aderido á Republica de s e a sua implantação, trabalhando desde logo

pela sua consolidação, trabalhando por organisar a comissão paroquial politica da sua freguezia. E o sr. escrivão Andrade, que sempre contrariou a organisação das comissões paroquiaes politicas, vae guerrear um nosso novo correligionario, simplesmente porque foi nos tempos monarquicos seu adversario!

Quem assim procede servirà por ventura para estar á frente do partido republicano local? Não.

Páre, sr. administrador, não queira mais conspurcar o seu passado, retalhar mais o coração dos verdadeiros republicanos!

23—VII—912.

O medico **Lopes de Oliveira.**

NOTAS DA CARTEIRA

=Tem passado algum tanto encomodado de saude, o sr. Henrique Ferreira Pinto Basto, chefe da secção hidraulica de Aveiro, a quem desejâmos rapidas melhoras.

=Seguiu para Entre-os-Rios o nosso amigo sr. David Bernardo, digno chefe da estação do caminho de ferro do Entroncamento.

=Visitaram-nos o sr. Manuel Dias dos Santos e José Antonio Dias de Oliveira.

=Esteve em Aveiro o sr. dr. Henrique Pinto, oficial do registo civil em Setubal.

=Retirou para Coimbra com sua esposa, o sr. Adriano Pereira da Cruz, quintanista de direito.

=Fez exame elementar, 1.º grau, a filha do nosso correligionario do Bomsucésso, sr. Amandio Ribeiro da Rocha.

Parabens.

=Para o sr. José Augusto de Aguiar, natural de Vila da Ponte, mas residente no Pará, foi pedida em casamento a sr.ª D. Adriana do Empirio Fernandes Pereira, diléta e prendada filha do professor do liceu désta cidade, sr. dr. Elias Fernandes Pereira.

Antecipâmos aos noivos as maiores venturas.

=Acham-se já a veranear na Costa Nova do Prado com suas familias, os srs. dr. Carvalho Junior, padre Francisco Barbosa Silva, dr. J. Machado da Silva e Amadeu Madail.

=Regressou das Pedras Salgadas á sua casa do Porto, o sr. Sebastião da Trindade Salgueiro.

= Parte no dia 29 para Manaus a tratar dos seus negocios, o nosso assinante de Moimenta da Beira, sr. Joaquim Vicente da Cruz, a quem não só desejâmos muito bôa viagem, como ainda que lá encontre todas as felicidades de que é digno.

E ESTA?

Em todas as cousas mais sérias e tristes da vida, ocorre uma nota comica, um hilariante incidente.

Assim, no acto solenissimo do funeral de Mendonça Barreto, quando todos sentiam no çoração a magoa acerba da medonha tragedia da qual ia desenrolar-se a ultima scena, aparece o *Bébes*, de barbas de pedinte e melenas de palmo, que o vento, não as deixando tranquilas no seu logar—os hombros, onde os anos as vão encontrando, fazia flutuar, estendendo-as sacudidamente, e dando assim uma nota ultra-comica á pessoa que tanto desconhece as mais elementares condições da limpeza e decencia exigidas em taes ceremonias.

Fazendo a pobre creatura parte de uma corporação que tivéra convite para se encorporar no prestito, não poude ser intimada a abandonal-o, como muito bem lembraram varios circunstantes, o que teria sido uma medida acertada para evitar os sorrisos comprometedores que não pudéram evitar-se.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JULHO

DIAS	PHARMACIAS
28	MOURA

CONVITE

São por esta fórma convidados todos os proprietarios da ria de Aveiro a assistirem á reunião, no proximo domingo, 28 do corrente, pelas 14 horas do dia, que se realisará na sala da Associação Comercial désta cidade, afim de tratar de assunto urgente que se prendecom os seus interesses.

Aveiro, 23—7—912.

Antonio Marques da Costa.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 4

Deu-se no dia 25 de junho pelas 2 horas da madrugada numa casa de diversões no Largo da Polvora, denominada *Club Internacional*, uma tentativa de assassinato nas pessoas de dois portuguêses que ali se achavam palestrando com o sr. dr. Marques de Carvalho, deputado Estadoal, e outros, pelo celébre facinora *Barba Azul*, capanga do sr. Antonio Lemos, cujo individuo é bem conhecido na policia pela soma de crimes que tem praticado.

O caso teve logar na ocasião em que os srs. João de Azevedo Coutinho, cavaleiro tauromaquico, Antonio M. de Brito, guarda-livros da casa bancaria, Santos Sobrinho & C.ª désta praça e o sr. Marques de Carvalho se encontravam a uma mesa e o sr. Coutinho brindava, com uma taça de *champagne*, os companheiros presentes.

O agressor, que era o porteiro do *club*, tomou como pretexto do seu feito o facto de ter caído no chão algum *champagne* da taça do sr. Coutinho, donde nasceram a troca de palavras azedas que deu logar á tentativa do *Barba Azul.*

Tanto o sr. Coutinho como o sr Brito foram feridos com tiros de revolver encontrando-se ainda ambos no Hospital da Ordem Terceira.

O facinora, apezar de ter sido visto na cidade, ainda não foi preso.

= Foi inaugurado definitivamente com assistencia do sr. governador Estadoal, João Coelho, o reservatorio de agua situado á Travéssa 1.º de Março, canto da rua Lauro Sodré, no dia 30 de junho ultimo, cujo reservatorio serve para abastecimento da cidade.

= Partiu para Cacia, Portugal, o nosso amigo, sr. Manuel Euzebio Pereira, bemquisto comerciante désta praça, o qual tinha sido chamado por telegrama, visto seu irmão David achar-se doente da peste bubonica, da qual escapou, felizmente.

=Não se realizaram no domingo as eleições dos corpos gerentes do *Centro Republicano Português*, por falta de numero de socios.

= Retiraram para Portugal no dia 2 do corrente a bordo do vapor alemão *Rugia*, dois repatriados da *Liga Portuguêsa de Repatriação* e pelo vapor inglês *Hilary* de ámanhã, seguem 9 pessoas, todas élas doentes e necessitadas, deixando de seguir mais um doente, natural de S. Vitor, Braga, por o medico de bordo se recusar a aceital-o visto ser perigoso o seu estado, recolhendo de novo ao hospital.

= Embarca ámanhã com destino a Cacia, Portugal, a bordo do vapor inglez *Hilary*, o nosso amigo sr. David Euzebio Pereira, em companhia de sua esposa, que vai retemperar-se da grâve doença que o acometeu.

Bôa viagem e que recupere por completo a saude é o que lhe desejâmos.—C.

Anadia, 16

Retirou ontem para Agueda o 3.º batalhão de infanteria 28, comandado pelo tenente Freire, que superiormente foi mandado em diligencia a Vila Nova, dêste concelho, para efectuar a prisão do padre José Alvaro. Este importantissimo serviço, que devia ter logar no dia 9, não chegou a realizar-se porque o padre, desconfiando do que estava para lhe acontecer, fugiu na manhã daquêle dia, não tendo a autoridade administrativa do concelho levado a efeito senão uma rigorosa busca á casa de sua residencia, sendo-lhe encontrados varios documentos comprovativos do manejo que havia de efectuar-se pela negra seita e seus adeptos.

Outrosim lhe foram apreendidas fáturas de dinamite e umas cargas proprias para esta, supondo-se que o mais importante fôsse por êle levado, quando fugiu, ou esteja armazenado em logar de sua confiança, visto que êle e outros do mesmo calibre diziam por alí que Vila Nova pagaria um dia tudo quanto praticava contra o seu padre e que no *dia da justiça* os republicanos, e principalmente o professor, seriam justiçados, como *merecem.*

O padre Alvaro assim como o de Trezoi, concelho de Mortagua, é acusado de lançar os cartuchos de dinamite no tunel do Salgueiral, desconfiandose tambem do reverendo de Mortagua, que algumas vezes veiu a Vila Nova falar com o seu colége. Ha mesmo quem diga que na tarde anterior ao dia em que foi dinamitado o tunel, estes tres masmarros foram vistos á bôca do mesmo tunel. Foram feitas varias sortidas ao padre Alvaro em logares proximos, mas como se averiguasse que andava a monte, assim como quaes as pessoas que lhe levavam viveres, foi uma déstas intimada a indicar o seu paradeiro, fazendo-lhe a força e alguns civis um largo cêrco que nenhum resultado deu, porque o padre novamente se evadíu.

Estava anichado em fenos e mato muito alto onde não era facil caminhar, já porque era muito acidentado o terreno, já porque em grande distancia havia escarpados penedos, de enorme altura, que o abrigavam, fugindo pelo lado contrario ao grosso das forças que o cercavam. Desconfia-se que se tenha refugiado em outros montes a seguir, apezar de não ser encontrado naquêles que logo foram batidos amiudadamente.

O padre Abel José Paulo, de Trezoi, a que já nos referimos, anda tambem a monte desde que soube que havia sido passado mandado para o capturar.

Constava ontem que estes padres, o de Trezoi e o de Vila Nova, haviam sido presos em Mortagua. Logo ali se foi saber disto, averiguando-se não ser verdade. São, pois, falsissimos os noticiarios do *Dia*, *Novidades* e outros jornaes que de Mortagua para taes jornaes foram enviados, dando-os como presos.

Em correspondencia que foi apreendida e que o padre Alvaro mandava dos montes para o correio, com direcção a um padre de Angola, dizia êle que o que mais o encomodava era não ter noticias politicas, mas que julgava que á hora em que escrevia devia estar esta *republiqueta* liquidada e que contava, em breve, de liquidar tambem 3 ou 4 *pulhas* que, sob o comando do professor Cordeiro, o perseguiam.

Efectivamente era então que no norte mais movimento havia de incursão, o que bem prova que estava este masmarro no *segredo dos deuses.*

C.

Guimarães, 24

O reaccionarismo do Lusitano. — *Festas Gualterianas—Outras noticias*

O Lusitano, esse nojento pasquim de ataque aos republicanos locais e por sua vez á Republica, escrito na linguagem da mais refinada petulancia, pretende anavalhar o regimen, em seu estilo proprio de taberna e dos vadios que se encontram ás esquinas das ruas em noite escura e silenciosa, ou que a desoras, de revolver em punho ou clavina aperrada, saem á estrada pedindo a bolsa ou a vida.

Um tão odiento papel como este que se publica em Guimarães, não é digno de merecer um só momento de atenção senão á autoridade que já devia ter posto côbro áquilo.

= Nos dias 3, 4 e 5 de agosto proximo realizar-se-ão as festas gualterianas ou festa da cidade com feira de gado bovino e cavalar a que concorrem a comissão de remonta do exercito, cinematografos publicos, havendo tambem torneio de tiro aos pombos, corridas de bicicletas, exercicio pela corporação dos bombeiros voluntarios auxiliares désta cidade, magestosa batalha de flôres, concertos musicaes no passeio da Independencia, sessões de pirotécnia, surpreendentes iluminações, feérica marcha milaneza levada a efeito pelos briosos empregados do comercio, etc., etc.

= No domingo preterito, na ocasião em que a banda de infantaria 20 executava no jardim publico a *Portugueza* fôram erguidos entusiasticos e correspondidos vivas á Republica, á Patria ao exercito, aos heroes de Chaves, ao dr. Magalhães Lima, Carbonaria, etc., de mistura com gritos de — *Abaixo os traidores* e *abaixo os carólas*, organisando-se uma grande manifestação que percorreu as principaes ruas da cidade.

= Tem-se efectuado varias prisões por motivo dos ultimos acontecimentos.

Entre os detidos figura o tenente Abreu Lima que se encontra no calabouço de infantaria 20 com sentinela á vista.

= No ultimo domingo houve no *Salão E'toile* duas agradaveis sessões de cinematografo.

Gaiato.

Cacia, 24

A fim de assistir ao funeral de João Augusto de Mendonça Barreto, o malogrado administrador de Cabeceiras de Basto, que pelos traidores *paivantes* foi vilmente assassinado, seguiu muita gente para essa cidade no comboio das 12,51 do ultimo domingo. Entre outras pessoas lembra-nos ter visto: João Simões de Pinho, João Afonso Fernandes, Manuel Rodrigues Neta e José Rodrigues Neta. Tambem vimos o nosso bom amigo Carlos Alberto da Costa, proprietario do *Jornal de Estarreja.*

A homenagem justissima, prestada a quem tão bem soube defender e amar a sua Patria, deixou a todos as melhores impressões pela sua grandeza e significação.

= Realizou-se no ultimo domingo 21 a festividade ao martir S. Sebastião.

Teve 2 musicas, a de S. João de Loure (velha) e de Angeja, que na vespera tocaram alternada e renhidamente das 22 ás 3 horas do dia seguinte.

Ambas se portaram distintamente.

Na procissão, que percorreu as principaes ruas de Cacia, encorporaram-se as mesmas musicas e a charanga de Eixo, além de muitos anjinhos.

Que nos conste não houve casos dignos de menção, como no domingo anterior, em que os srs. Manuel Pereira Felix e seu irmão João receberam o enxovalho dum lorpa qualquer que teve a pretenção de os querer obrigar a descobrirem-se á passagem do prestito religioso, o que indignou todos os liberaes.

Ainda mais havemos de vêr...

= Na ancia de assistirem ao julgamento do prior désta freguezia, João Emigdio Rodrigues da Costa, foi ontem para essa cidade imensa gente que nada ponde vêr, visto o julgamento ficar adiado. Quer-nos parecer que o sr. padre João, nada perderá com a demóra.

= Encontra-se entre nós o nosso dedicado amigo sr. Antonio Lopes Maio, que tenciona retirar dentro de breves dias para S. João da Madeira.

= Para as Caldas de S. Jorge seguiu ha dias o sr. Manuel Rodrigues da Béla, rico proprietario e industrial em Coimbra.

Que regresse de perfeita saude são os nossos ardentes desejos.

=Ontem, pelas 19 horas, começou a chover prolongando-se a réga pela noite adiante. Para tudo foi bom. Oxalá assim continue mais alguns dias para termos um ano abundante.

C.

Alquerubim, 22

Tornou a aparecer aqui a febre aftosa no gado bovino e canino.

=Vão começar breve as obras para a conclusão da capela mór da igreja matriz desta freguesia.

=O milho tem subido de preço, assim como o vinho, tendo-se vendido algum a 1:200 reis cada duplo décalitro.

=Já se preparam vasilhas para a proxima colheita do vinho, que deve começar ainda em agosto.

Este ano, os amantes da pinga tiram a barriga de miserias.

=Tem corrido por aqui boatos referentes a conspiradores, prisões, buscas etc. Por aqui é completo o socêgo e é bom que assim continue.

=No dia 12 do corrente tiveram logar nesta freguesia os exames elementares do 1.º grau, aos quaes presidiu o sr. Tomaz Coutinho, professor de Castelões do concelho de Cambra.

C.

Pinheiro, 22

Teve logar na repartição respectiva, em Albergaria-a-Velha, o registo Civil do nascimento duma filhinha do sr. Antonio de Brito, farmaceutico do nosso logar, recebendo a recemnascida o nome de Isabel. Testemunharam o acto, os nossos velhos amigos, Francisco de Sousa e Castro, secretario da câmara de Catumbéla, Africa Ocidental Portuguêsa, e Daniel de Mélo, estudante e natural de Pardos, Alquerubim.

Aos paes da interessante neofita, as nossas sincéras felicitações.

= Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo Manuel Marques da Fonte, velho e convicto republicano e membro da comissão administrativa de Castélo de Vide. Como os demais anos, veio fazer a estação calmosa na béla região do Vouga, junto á Ponte da Rata, na companhia de um seu tio.

= Comnosco foi daqui um grande contingente de povo e das povoações limitrofes, assistir ao funeral de João Mendonça Barreto, barbaramente assassinado em Cabeceiras de Basto. Não ha memoria duma homenagem tão imponente em Aveiro.

E' uma bem merecida homenagem dos que morrem heroicamente, sacrificando-se pela Patria e pela Republica. Representou a Comissão Paroquial da freguezia o sr. Matos.

= Espera-se que a concorrencia de forasteiros á festa de S. Tomé seja importante, em virtude do programa dos festejos que é na verdade convidativo.

= Tem aparecido estes dias por aqui alguns casos de febre aphtosa.

Que os nossos lavradores se preparem para combater tão terrivel mal.

C.

ANUNCIOS

Sociedade Construtora e Administrativa do Teatro Aveirense

Nos termos dos Estatutos e das leis, e por me ter sido requerido pelo Conselho Fiscal, são, por êste meio, convocados os srs. acionistas désta Sociedade para, no dia 15 de agosto próximo, por 14 horas e no edificio da Associação Comercial e Industrial, na rua 31 de Janeiro, se reuuirem em assembleia geral extraordinária e ser autorisada a respétiva diréção a adquirir um motor para instalação elétrica no edificio social e aparelhos cinematográficos, fazendo as competentes montagens, e contrair um empréstimo, pela melhor fórma que entender, ou pela que fôr indicada pela assembleia geral, para ocorrer ás necessárias despezas.

No caso de não comparecer número legal de acionistas no dia designado, efectuar-se-á a reunião, para os referidos fins, no dia 22 do dito mês, por 14 horas, no local acima mencionado.

Aveiro, 25 de julho de 1912.

O Presidente da Mêsa da Assembleia Geral,

André dos Reis.